RESUMO:
A arte exerce um papel essencial na educação infantil, configurando-se como uma linguagem privilegiada por meio da qual as crianças expressam suas emoções, pensamentos e percepções de mundo. Ao explorar traços, cores, formas e gestos, a criança não apenas manifesta sua criatividade, mas também desenvolve competências cognitivas, afetivas, motoras e sociais de maneira integrada. Este artigo propõe uma reflexão aprofundada sobre a arte como linguagem da infância, abordando sua dimensão expressiva, o papel do educador enquanto mediador das experiências estéticas, sua articulação com os campos de experiência previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como a presença das múltiplas linguagens artísticas no cotidiano escolar e a relevância de ambientes cuidadosamente organizados do ponto de vista estético. Com base em autores como Ana Mae Barbosa, Douglas Kellner e João Francisco Duarte Jr., além dos principais documentos normativos da educação brasileira, o texto defende a construção de práticas pedagógicas sensíveis, intencionais e comprometidas com o desenvolvimento integral das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Práticas pedagógicas; Linguagens artísticas.

ABSTRACT:
Art plays an essential role in early childhood education, acting as a privileged language through which children express their emotions, thoughts and perceptions of the world. By exploring lines, colors, shapes and gestures, children not only express their creativity, but also develop cognitive, affective, motor and social skills in an integrated manner. This article proposes an in-depth reflection on art as a language of childhood, addressing its expressive dimension, the role of the educator as a mediator of aesthetic experiences, its articulation with the fields of experience provided for in the National Common Curricular Base (BNCC), as well as the presence of multiple artistic languages in everyday school life and the relevance of environments carefully organized from an aesthetic point of view. Based on authors such as Ana Mae Barbosa, Douglas Kellner and João Francisco Duarte Jr., in addition to the main normative documents of Brazilian education, the text defends the construction of sensitive, intentional pedagogical practices committed to the integral development of children.

KEY-WORDS: Early Childhood Education; Pedagogical practices; Artistic languages.

INTRODUÇÃO

A infância é um período intensamente marcado por descobertas sensoriais, afetivas e cognitivas, em que a criança constrói sentidos sobre o mundo por meio de múltiplas linguagens. Nesse contexto, a arte, enquanto linguagem simbólica e expressiva, configura-se como um território privilegiado para a manifestação das vivências infantis. Na educação infantil, ela ultrapassa a dimensão recreativa e se consolida como um componente fundamental na formação integral da criança, favorecendo a comunicação de sentimentos, pensamentos e experiências que muitas vezes não encontram correspondência na linguagem verbal. Por meio da arte, a criança nomeia o mundo, ressignifica o que vê e sente, projeta desejos e estrutura sua compreensão da realidade.

O reconhecimento da arte como linguagem constitutiva da infância encontra respaldo nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), que orientam a organização de práticas pedagógicas centradas em experiências significativas. As diferentes linguagens artísticas — como desenho, pintura, modelagem, colagem, música, dança e teatro — desempenham papel central na ampliação da sensibilidade, na construção da percepção estética e no desenvolvimento da criatividade. Para a criança pequena, desenhar, cantar, movimentar-se ou dramatizar não são apenas atos

lúdicos, mas formas complexas e legítimas de pensamento e interação com o mundo.
Apesar dos avanços teóricos e normativos, observa-se que, no cotidiano escolar, a arte ainda é frequentemente reduzida a atividades mecânicas, como colorir figuras prontas ou reproduzir modelos fixos, esvaziando seu potencial expressivo e criador. Essa abordagem utilitarista e tecnicista empobrece a experiência estética e desconsidera o direito da criança à livre experimentação. O fazer artístico na educação infantil exige ambientes intencionalmente organizados, mediações sensíveis e liberdade para explorar, errar, recomeçar e se encantar com o processo criativo.
Este artigo propõe uma reflexão sobre a arte como linguagem expressiva na infância e investiga como as práticas artísticas podem ser fortalecidas e ressignificadas no contexto da educação infantil. Serão discutidos os fundamentos da arte no desenvolvimento infantil, o papel do educador como mediador das experiências estéticas, a articulação das práticas com os campos de experiência previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as múltiplas linguagens artísticas no cotidiano escolar e a importância dos espaços e materiais como suporte ao fazer artístico.
A partir de uma fundamentação teórica consistente, apoiada em autores como Ana Mae Barbosa, Douglas Kellner e João Francisco Duarte Jr., bem como nos principais documentos que orientam a educação brasileira, este texto busca oferecer subsídios para que educadores compreendam a arte como linguagem legítima e estruturante da infância. Ao pintar o mundo com as cores de suas emoções, percepções e narrativas, a criança não apenas expressa o que sente e pensa, mas constrói identidades, elabora significados e participa ativamente da cultura.

A ARTE COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM NA INFÂNCIA

A arte, na infância, deve ser compreendida antes de tudo como uma linguagem expressiva legítima e fundante do sujeito em desenvolvimento. Desde os primeiros anos de vida, as crianças procuram meios para exteriorizar suas emoções, desejos, angústias e descobertas por meio de grafismos, gestos, sons e movimentos corporais. Essas manifestações não são meras reproduções da realidade visível, mas modos próprios e simbólicos de construção de sentido. O desenho infantil, por exemplo, revela-se não como imitação do real, mas como interpretação subjetiva e narrativa do mundo vivido. Luquet (2001), em sua clássica obra O desenho infantil, argumenta que o traço da criança reflete diferentes estágios do pensamento representativo, permitindo compreender como ela organiza mentalmente suas experiências e percepções (LUQUET, 2001, p. 42).

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (BRASIL, 2010).

Sob essa perspectiva, a arte não se limita a um campo de livre expressão emocional, mas constitui-se como forma de conhecimento. Como sustenta Ana Mae Barbosa (2010, p.

45), "a arte é uma forma de conhecimento", pois articula dimensões sensoriais, cognitivas, afetivas e sociais. Quando uma criança desenha uma casa com o sol sorrindo ou pinta uma figura com cores que desafiam a lógica adulta, ela comunica uma visão subjetiva de mundo que precisa ser acolhida com escuta atenta e interpretação cuidadosa. O papel do educador, nesse processo, não é corrigir ou enquadrar a produção infantil em padrões, mas reconhecê-la como expressão autêntica de pensamento e sentimento.

Na contemporaneidade, marcada pela onipresença da cultura visual, o ensino da arte adquire ainda maior relevância. Conforme argumenta Douglas Kellner (2001, p. 126), a alfabetização crítica das imagens se torna essencial em uma sociedade saturada de mídias e símbolos visuais. A arte, ao favorecer a leitura sensível e crítica desses signos, contribui para a formação de sujeitos mais conscientes e reflexivos. Propor experiências artísticas desde a infância é, portanto, um caminho para ampliar o repertório estético, estimular a imaginação e desenvolver a capacidade de interpretação de um mundo cada vez mais visual e complexo.

Além de sua dimensão estética e cognitiva, a arte cumpre uma função importante na elaboração simbólica de conteúdos emocionais. Crianças que vivenciam situações desafiadoras, como lutos, separações familiares ou mudanças abruptas, podem encontrar na atividade artística um canal seguro para expressão e ressignificação dessas experiências. O desenho, a modelagem ou a dramatização tornam-se, nesse caso, formas de organizar o caos interno e dar forma ao que, muitas vezes, não pode ser dito com palavras. A presença sensível e atenta do educador é fundamental para que essas produções sejam reconhecidas como narrativas pessoais que merecem acolhimento e escuta.

Outro aspecto fundamental da arte na infância é a valorização da liberdade criadora. Diferentemente de outras áreas do conhecimento, nas quais prevalece a busca por respostas corretas, a arte convida à pluralidade de caminhos, soluções e interpretações. Essa abertura metodológica favorece o desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e do pensamento divergente – elementos essenciais para a formação de sujeitos criativos, críticos e inovadores. Quando a criança percebe que sua produção é respeitada em sua singularidade, ela se sente autorizada a explorar, ousar e construir.

A arte também é um espaço de relação e partilha. Ao expor suas produções, observar as dos colegas, comentar, ouvir opiniões e refazer ideias, a criança aprende a conviver com diferentes pontos de vista e formas de expressão. Essa vivência estética compartilhada estimula habilidades sociais e promove a valorização da diversidade. Desse modo, a arte na educação infantil extrapola a função expressiva individual, configurando-se como prática coletiva, cultural e cidadã, que contribui para a formação de sujeitos mais empáticos, colaborativos e sensíveis ao outro.

O PAPEL DO EDUCADOR COMO MEDIADOR ESTÉTICO E CULTURAL

A presença sensível e intencional do educador como mediador é fundamental para que as experiências artísticas vividas pelas crianças na educação infantil ganhem profundidade, sentido e potência formativa. A mediação pedagógica, nesse campo, não se trata de conduzir a criança a um produto idealizado pelo adulto, mas de criar condições para que sua liberdade criadora se manifeste com segurança, respeito e intencionalidade educativa. O professor torna-se, assim, um provocador de sentidos, alguém que estimula perguntas, oferece materiais variados, organiza o ambiente esteticamente e acompanha os processos expressivos sem interferir de forma autoritária. Sua escuta atenta e sua postura investigativa são decisivas para garantir o direito das crianças a experiências estéticas genuínas.

Para exercer essa mediação de forma qualificada, é imprescindível que o educador cultive sua própria sensibilidade estética. Como enfatiza Duarte Jr. (2001, p. 87), “a sensibilidade só se desenvolve a partir da vivência sensível”, ou seja, o professor precisa estar imerso no universo das imagens, dos sons, das formas e dos gestos para poder provocar esse mesmo encantamento nas crianças. Isso exige uma formação que vá além do domínio técnico e aborde a arte como vivên-

cia subjetiva, cultural e simbólica. Conhecer artistas de diferentes épocas e culturas, frequentar exposições, apreciar livros ilustrados, músicas, danças e expressões culturais populares são experiências que ampliam o repertório do educador e o tornam mais sensível às manifestações das crianças.

Nesse sentido, o professor deve se abster de interpretações normativas ou correções moralizadoras diante da produção artística infantil. Quando uma criança representa algo que escapa à lógica adulta, é comum que o educador, ainda preso a padrões convencionais, tente conduzir a atividade para um modelo estético considerado "correto". Essa postura, no entanto, compromete a liberdade criativa e pode gerar frustração, insegurança e bloqueio expressivo. A mediação ética requer que o professor interprete as produções infantis a partir de seu contexto, reconhecendo ali a singularidade de cada gesto, a riqueza simbólica de cada traço, a complexidade das intenções por trás das escolhas feitas pelas crianças. O foco deve estar nos processos, e não nos produtos finalizados.

Outro aspecto essencial da mediação é o acesso ao repertório cultural. A criança pequena tem direito a conviver com expressões artísticas variadas e de qualidade, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural. Cabe ao educador garantir esse direito, selecionando materiais diversos e promovendo experiências com obras significativas. A aproximação com livros de imagens, músicas de diferentes tradições, espetáculos de dança ou teatro, filmes de animação autoral e visitas a museus ou centros culturais enriquece o imaginário da criança e amplia suas referências estéticas. Essas vivências se tornam fontes de inspiração para suas próprias criações e reforçam o vínculo com a cultura e com o patrimônio simbólico da humanidade.

Além de proporcionar experiências, o educador também é responsável por documentar os processos vivenciados pelas crianças, tornando visível o pensamento expressado na ação artística. Essa documentação vai além do simples registro fotográfico: envolve escutar falas, transcrever diálogos, organizar portfólios, planejar exposições e refletir coletivamente sobre o percurso de aprendizagem. Como apontam Barbosa e Horn (2008, p. 53), "a documentação pedagógica torna visível o pensamento da criança", permitindo que a comunidade escolar — incluindo famílias e gestores — compreenda a profundidade das experiências estéticas realizadas no cotidiano. A documentação fortalece ainda o reconhecimento social da arte como campo legítimo de conhecimento na infância.

Portanto, o papel do educador na mediação estética é complexo e profundamente implicado na ética do cuidado, na escuta ativa e no compromisso com a infância como tempo de experimentação e criação. Sua atuação requer formação contínua, sensibilidade cultural e abertura ao novo. Mais do que ensinar arte, o professor que compreende a potência dessa linguagem na infância cria espaços e tempos para que a criança se revele, se expresse e se desenvolva integralmente.

A ARTE E OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, propõe para a Educação Infantil uma organização curricular centrada em cinco campos de experiência que valorizam o desenvolvimento integral da criança em suas múltiplas dimensões: corpo, linguagem, afetividade, cognição e sociabilidade. A arte, nesse contexto, não é tratada como disciplina isolada, mas como linguagem transversal, presente de forma orgânica em todos os campos. Ao considerar a criança como sujeito potente, criador e produtor de cultura, o documento reforça a importância das experiências estéticas no cotidiano educativo, compreendendo a arte como meio de expressão, comunicação e produção de significados desde os primeiros anos de vida (BRASIL, 2017, p. 37).

No campo "O eu, o outro e o nós", por exemplo, as experiências artísticas favorecem a construção da identidade e a ampliação das relações interpessoais. Quando as crianças dramatizam situações do cotidiano, cantam em grupo ou criam coletivamente uma obra visual, estão exercitando a empatia, a escuta, a negociação de sentidos e o respeito às diferenças. A arte possibilita que elas

se reconheçam como sujeitos singulares e, ao mesmo tempo, inseridos em um contexto coletivo, cultural e social. Isso fortalece a noção de pertencimento e estimula a convivência democrática, como defende a BNCC ao associar esse campo ao desenvolvimento da cidadania desde a infância (BRASIL, 2017, p. 39).

No campo "Corpo, gestos e movimentos", as práticas artísticas, especialmente as ligadas à dança, ao teatro e às artes visuais, convidam as crianças à exploração das possibilidades expressivas do próprio corpo. Ao movimentar-se livremente ao som de uma música ou ao manipular materiais como tinta, argila ou areia, a criança amplia sua consciência corporal, coordenação motora, equilíbrio e expressividade. Tais experiências corporificadas são fundamentais para o desenvolvimento motor e para a percepção de si no espaço, articulando o fazer artístico ao reconhecimento do corpo como linguagem e veículo de expressão simbólica.

Já no campo "Traços, sons, cores e formas", a presença da arte é ainda mais evidente. Este campo convida o educador a promover situações em que a criança possa explorar os elementos básicos das linguagens artísticas e desenvolver seu repertório estético por meio de diferentes materiais e técnicas. Ao desenhar, pintar, compor com instrumentos, experimentar ritmos e texturas, a criança não apenas vivência processos criativos, mas constrói conhecimentos sobre organização espacial, contrastes, equilíbrio e harmonia. A ênfase está no processo, e não no produto final, reconhecendo o valor pedagógico do percurso criativo como construção de conhecimento.

No campo "Escuta, fala, pensamento e imaginação", a arte se articula com a linguagem oral e a imaginação narrativa. As atividades de contação de histórias, dramatizações, jogos simbólicos e criação de personagens são formas pelas quais a criança estrutura o pensamento, amplia o vocabulário e elabora sentidos sobre o mundo. O fazer artístico, nesse campo, integra a linguagem verbal e a linguagem estética, estimulando a capacidade de narrar, fantasiar e construir hipóteses sobre a realidade. A arte, portanto, contribui para a formação de sujeitos criativos, capazes de pensar de forma simbólica e expressar ideias de maneira sensível e singular.

Por fim, no campo "Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações", as experiências artísticas desafiam a criança a pensar a organização do espaço, as relações entre os objetos, os ritmos do tempo e os processos de mudança. Ao montar instalações, compor mosaicos, participar de oficinas de escultura ou realizar intervenções artísticas no ambiente escolar, as crianças exercitam noções espaciais, temporais e matemáticas de forma integrada e lúdica. Assim, a arte se revela uma linguagem potente para o desenvolvimento do pensamento lógico e da consciência ambiental, especialmente quando conectada à observação da natureza e ao uso de materiais reutilizáveis nas criações.

AS DIFERENTES LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR

As linguagens artísticas presentes no cotidiano da educação infantil devem ser compreendidas como campos distintos, mas complementares, que ampliam as formas de expressão, comunicação e elaboração simbólica da criança. Pintura, desenho, modelagem, colagem, dança, teatro e música são recursos expressivos que, ao serem integrados de forma sensível à prática pedagógica, promovem uma educação estética plural e significativa. A diversidade dessas linguagens permite que cada criança encontre seu modo preferencial de se expressar, respeitando suas singularidades e potencialidades, ao mesmo tempo em que é convidada a experimentar novos caminhos criativos.

Motta (2022) defende que, no trabalho com a arte, em creches e pré-escolas,

> (...) não basta propor essa ou aquela atividade, essa ou aquela técnica, mostrar essa ou aquela obra, esse ou aquele artista, mas importa propor contextos de experimentação e leitura de mundo, abrindo espaço para o contato, o manuseio, o questionamento, o pensamento artístico, a exploração, a invenção e a produção com diferentes materiais. (MOTTA, 2022, p. 205).

A música, por exemplo, desperta sensações, memórias e afetos, além de estimular o

ritmo, a coordenação e a oralidade. Quando cantam, tocam instrumentos, exploram sons do corpo ou ouvem composições variadas, as crianças desenvolvem a escuta atenta, o senso de tempo e a percepção sonora do ambiente. Mais do que aprender músicas prontas, o importante é que tenham contato com diferentes estilos, gêneros e culturas, construindo repertórios ricos e significativos. Segundo Brito (2003, p. 18), a musicalização infantil é um meio eficaz para "desenvolver competências cognitivas, emocionais e sociais por meio da escuta, do canto e da criação sonora".

No campo das artes visuais, o desenho e a pintura não devem ser encarados como habilidades a serem corrigidas, mas como modos de pensamento visual e construção simbólica. O gesto de desenhar é um ato de interpretação do mundo, e não uma simples reprodução do real. A liberdade de escolha dos materiais – carvão, lápis, pincéis, tintas naturais, papéis diversos – estimula a curiosidade, a experimentação e o diálogo com a matéria. A modelagem e a colagem, por sua vez, acrescentam dimensões táteis e espaciais à experiência artística, permitindo à criança pensar com as mãos e perceber as relações entre formas, texturas, volumes e planos.

A linguagem teatral aparece no brincar simbólico, nas dramatizações espontâneas e nas pequenas encenações promovidas em grupo. Por meio do teatro, a criança experimenta papéis sociais, inventa narrativas, reelabora conflitos e desenvolve a empatia. Essa linguagem integra corpo, voz, emoção e imaginação, promovendo um tipo de aprendizagem sensível que articula a dimensão estética com a social e a emocional. Ao brincar de faz de conta, por exemplo, a criança elabora experiências reais ou imaginárias, dialoga com a cultura à sua volta e explora possibilidades de ser e estar no mundo.

A dança, por fim, oferece uma linguagem corporal que estimula o domínio do corpo, a percepção rítmica, a fluidez dos movimentos e o prazer de se expressar por meio do gesto. A dança na infância não precisa estar vinculada a coreografias prontas ou padrões estéticos definidos. O que importa é o movimento livre, criativo, investigativo, em que a criança explore diferentes formas de deslocamento, equilíbrio e relação com o espaço e com os outros. A escuta corporal e o estímulo ao movimento espontâneo são fundamentais para que o corpo seja reconhecido como território de expressão, identidade e afeto.

AMBIENTES ESTETICAMENTE RICOS E O FAZER ARTÍSTICO

O ambiente na educação infantil é compreendido, segundo os pressupostos das abordagens mais sensíveis à infância, como um "terceiro educador" – expressão cunhada por Loris Malaguzzi, criador da abordagem Reggio Emilia. Nessa perspectiva, o espaço não é neutro, mas sim uma linguagem que comunica valores, convida à exploração e sustenta o desenvolvimento da autonomia, da curiosidade e da criatividade. Um ambiente esteticamente rico favorece o fazer artístico ao ampliar os sentidos, ao provocar o olhar e ao despertar a imaginação da criança, atuando como estímulo sensorial e poético em seu cotidiano.

Conforme aponta Vecchi,

> Na pedagogia reggiana, foi feita a escolha conceitual de se entender o termo linguagem para além da verbal, considerando linguagens como as diversas modalidades com as quais o ser humano se expressa, ou seja, a linguagem visual, a matemática, a científica etc. (...). Por linguagens poéticas, entendemos aquelas formas de expressão mais fortemente caracterizadas pelos aspectos expressivos e estéticos, como a música, o canto, a dança, a fotografia. (VECCHI, 2017, p. 33).

A organização do espaço deve considerar a acessibilidade e a visibilidade dos materiais, o conforto acústico, tátil e visual, e a possibilidade de circulação livre. Espaços acolhedores, bem iluminados, com presença de elementos naturais, móveis adaptáveis, espelhos, tecidos e objetos com texturas diversas instigam a criança a tocar, compor, investigar e criar. A arte nasce também do encontro entre o corpo e o espaço, entre o gesto e a matéria, e por isso é essencial que o ambiente convide ao diálogo entre esses

elementos. Como afirma Vecchi (2013, p. 125), "o ambiente é uma extensão do pensamento", e por isso deve ser planejado como provocador estético.

Os materiais disponíveis para a produção artística também exercem papel crucial na qualidade das experiências. É preciso ir além dos lápis e papéis convencionais e oferecer uma paleta diversificada de materiais: tintas de diferentes texturas e origens, pincéis de variados tamanhos, papéis coloridos, materiais recicláveis, argila, tecidos, elementos da natureza (folhas, sementes, pedras), entre outros. Quando o educador valoriza a diversidade dos materiais e os apresenta de forma cuidadosa e organizada, ele comunica à criança que seu processo criativo é importante, digno de respeito e afeto. Essa curadoria dos materiais é também uma curadoria do olhar.

Além disso, os ambientes devem ser pensados como lugares de permanência e contemplação, não apenas de passagem ou atividade. Isso significa que os processos artísticos da criança devem ter continuidade e não ser tratados como ações pontuais. É necessário reservar espaços onde as obras em andamento possam permanecer visíveis, permitindo que a criança retome sua criação em outros momentos, reflita sobre seu processo, dialogue com os colegas e revisite suas ideias. Essa prática reforça a escuta do tempo da infância e valoriza o fazer artístico como experiência complexa, não fragmentada.

Outro aspecto relevante é o uso dos espaços externos, muitas vezes negligenciados ou subutilizados. Jardins, pátios, quintais e varandas podem se tornar ateliês ao ar livre, onde as crianças pintam com os pés, desenham com água no chão quente, constroem esculturas com galhos ou criam instalações efêmeras com folhas e sementes. O contato com a natureza não apenas estimula os sentidos, mas amplia a consciência ambiental e enriquece as possibilidades expressivas. Segundo Gandini (2015, p. 10), "a natureza oferece à criança uma paleta infinita de possibilidades poéticas".

É necessário destacar a importância da estética também na documentação e na exposição dos processos artísticos infantis. Criar murais sensíveis, portfólios bem-organizados, exposições interativas e narrativas visuais dos projetos desenvolvidos são formas de tornar visível o pensamento das crianças e de comunicar à comunidade escolar que ali se constrói conhecimento. Essas práticas conferem valor social ao fazer artístico e estimulam uma cultura escolar que reconhece a infância como fase criadora, potente e produtora de cultura. Assim, o ambiente não apenas acolhe a arte: ele se torna arte em si, em diálogo permanente com os sujeitos que o habitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer a arte como linguagem na educação infantil é reconhecer a criança como sujeito pleno de sentidos, capaz de elaborar, comunicar e transformar a realidade por meio de formas expressivas que transcendem a linguagem verbal. O fazer artístico, quando compreendido como experiência estética, não apenas favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, mas também ressignifica o cotidiano escolar, oferecendo à infância a possibilidade de viver processos sensíveis, criativos e autorais. Assim, integrar a arte às práticas pedagógicas é garantir um direito à infância que valoriza a imaginação, a escuta, o corpo e a liberdade de ser.

A formação estética da criança passa por experiências concretas, construídas em ambientes provocadores e mediados por educadores atentos à potência do olhar infantil. É tarefa do professor criar condições para que a arte seja vivida como linguagem e não como produto; como processo e não como mera atividade ilustrativa. Essa mudança de paradigma exige ruptura com modelos escolares centrados em tarefas repetitivas e abre caminho para práticas intencionais, planejadas e sensíveis ao tempo da criança e às suas formas singulares de expressão. A escuta do educador, nesse contexto, deve ser ativa, investigativa e respeitosa, reconhecendo nos gestos, traços, cores e movimentos das crianças, produções simbólicas legítimas.

Ao longo deste artigo, discutimos como a arte, em suas múltiplas linguagens, se articula com os campos de experiência da BNCC, amplia o repertório expressivo das crianças

e constrói ambientes educativos mais humanos e criativos. Também evidenciamos a importância da mediação docente, da qualidade estética dos materiais e espaços, e da valorização social das produções infantis. A prática artística na infância não deve ser vista como um luxo ou complemento, mas como parte estruturante de uma educação que deseja formar sujeitos críticos, sensíveis e criativos, capazes de atuar no mundo com empatia e imaginação.

Portanto, ao pintar o mundo com suas cores e gestos, a criança está dizendo aquilo que ainda não sabe nomear com palavras; está elaborando sentidos, criando hipóteses, tecendo histórias e inventando mundos possíveis. Cabe aos educadores garantirem que essa linguagem tenha espaço, escuta e permanência nos contextos educativos. A arte na educação infantil não é apenas um conteúdo a ser ensinado – é uma experiência a ser vivida, compartilhada e celebrada como parte essencial do processo de humanização e formação integral da criança.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 10 jun. 2025.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010, 40 p. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf Acesso em: 10 jun. 2025.

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Estética e educação. Campinas, SP: Papirus, 2001.

GANDINI, Lella. As Cem Linguagens da Criança: Volume 1: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Penso, 2015.

KELLNER, Hans. A arte como representação e crítica cultural. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Arte-Educação: Leitura no Subsolo. São Paulo: Cortez, 1991.

MOTTA, Xênia Ferreira da. Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da educação infantil. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/27962. Acesso em: 11 jun. 2025.

VECCHI, Vea. Arte e criatividade no pensamento infantil: o papel dos ateliês nas escolas de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2013.

_____, Vea. Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.